

MAPEAMENTO E ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA ARQUEOLOGIA DA ESCRAVIDÃO EM PELOTAS (RS)

MATTOS, Gil Passos de¹; ROCHA, Marcelo Garcia da^{1,1}; FERREIRA, Lúcio Menezes²

¹. Acadêmico do Curso de Geografia Bacharelado – ICH-UFPEL. gilpassosm@hotmail.com

^{1,1} Mestrando no Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. ICH-UFPEL.

² Prof. Dr. Departamento de Antropologia e Arqueologia – ICH-UFPEL; (bolsista de produtividade – CNPq)

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho incide na análise espacial da arqueologia da escravidão no município de Pelotas, isto é, na investigação da distribuição de vestígios arqueológicos e também de áreas de potencial estudo e intervenção arqueológica referente à arqueologia da escravidão nesse município. Procurando também, realizar relações com a paisagem, com a história e com o contexto político e econômico, em âmbitos: local, regional, nacional e global. Pois o processo: de diáspora africana repercutiu por boa parte do globo, majoritariamente na faixa do planeta Terra conhecida como Atlântico negro, local de intenso fluxo mercantil de mão de obra escrava, contexto em que Pelotas, com suas especificidades, está inserida.

Os primeiros estudos da arqueologia da escravidão como disciplina da arqueologia histórica ocorreram nos EUA entre as décadas de sessenta e setenta do século passado, um pouco ao acaso, no estudo das *plantations* (FERREIRA, 2009), mas também um pouco em função da pressão realizada pelos movimentos sociais, em especial, o movimento negro nos EUA (SINGLETON, 1995 apud MATTOS, 2011). Um dos precursores no estudo da arqueologia da diáspora africana é Merrick Posnansky que realizou campanhas na África.

No Brasil são ainda mais recentes além de serem poucos os pesquisadores dedicados a essa linha de pesquisa, contudo, alguns pesquisadores vêm se dedicando ao tema, a exemplo de Pedro Paulo Funari, Luís Symanski e Lúcio Menezes Ferreira. Localmente quando abordada a questão da escravidão em Pelotas destacam-se os trabalhos de Rosa, Gutierrez, Magalhães e Monquelat que trabalharam especialmente com a atividade produtiva das charqueadas, que como sabemos teve como força motriz a mão de obra realizada majoritariamente por mãos negras, sob o regime de escravidão.

Trata-se aqui de um trabalho multidisciplinar, essa pesquisa esta vinculada ao projeto de pesquisa: *O Pampa Negro: Arqueologia da Escravidão na Região Meridional do Rio Grande do Sul (1780-1888)*, coordenado pelo Pr. Dr. Lúcio Menezes Ferreira, junto a Universidade Federal de Pelotas, com apoio do CNPq. E também com o apoio dos professores e alunos envolvidos no Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica (LAMINA). Nesse trabalho aqui apresentado, destaca-se a estreita relação entre a Arqueologia e a Geografia, áreas de atuação dos integrantes desse trabalho. Essa pesquisa que é de cunho arqueológico contou com o apoio das TIEs (Tecnologias da Informação Espacial) tendo como base um banco de dados em SIG (Sistemas de Informações Geográficas), aspecto esse destacado a seguir, na abordagem sobre os procedimentos metodológicos e materiais utilizados.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Inicialmente, o feitiço do trabalho fundamenta-se a partir do levantamento de fontes alicerçadas nos mais diversos suportes como: inventários, testamentos, notas de jornais, fontes historiográficas, iconográficas e relatos orais. Esse primeiro momento caracteriza-se por um arrolamento de fontes armazenadoras de informações relevantes no que diz respeito a espacialidades de Pelotas no período (1780-1888), onde a cidade se ocupou do *modus vivendis* sedimentado na mão de obra escrava. Para tal levantamento, os arquivos estaduais e municipais são periodicamente investigados, fomentando a geração de informações que alimentam um banco de dados, no qual se concentram os primeiros esforços que aqui chamaremos de fase prévia ao de levantamento de campo.

Nessa etapa são observados e selecionados atributos que podem ser importantes para a alimentação do banco de dados, esses se caracterizaram pela quantidade de escravos que certa propriedade continha, origem dos mesmos, qualificação dos trabalhos executados, produtos e quantidades confeccionadas (charque, graxa, sabão, cal, sebo entre outros produtos oriundos da indústria do charque), perfil do proprietário, descrições sobre a dimensão da propriedade, distribuição de prédios na mesma, observação de elementos físicos da paisagem (é comum notar em inventários elementos naturais que servem como limite para área fronteira entre propriedades), estilo arquitetônico característico do período entre outras minúcias que os documentos e fontes em geral podem fornecer.

As informações levantadas nas pesquisas das fontes acima citadas servem de “matéria-prima” para um segundo processo, a confecção de um Sistema de informação Geográfica – SIG. Inserindo dados vetoriais e matriciais do município de Pelotas principalmente, mas também inserimos base de dados vetoriais do Rio Grande do Sul, do Brasil, e dos demais países do globo terrestre.

No levantamento da cartografia histórica foi realizada a digitalização de plantas e mapas antigos do município, seguido pelo trabalho de vetorização de informações espaciais relevantes no estudo da arqueologia histórica.

O trabalho de campo é caracterizado pela visualização da superfície espacial, onde informações são extraídas e trazidas ao laboratório, funcionando como fontes que continuam a alimentar a geração de novos SIGs, se mostra nessa fase um momento de canalização das informações que são transformadas em leituras cartográficas, ou seja, mapas. O processo de confecção de SIGs nesse caso funciona como uma conversão da linguagem documentada (fonte escrita, pintada, fotografada, verbalizada), para uma linguagem cartográfica, servindo de leitura para entender de que maneira os espaços se comportam e se transformam no tempo e no espaço.

Para a compreensão da paisagem utilizamos dados do ambiente físico, como vegetação, relevo, hidrografia, solos e geologia e também com a expansão da malha urbana de Pelotas. A fim de compreender o modo como se organizou o sistema produtivo charqueador e a estrutura de dominação da mão de obra escrava, assim como as formas de resistência, que foram várias, como exemplo, os quilombos. Os mesmos foram mapeados a partir de fontes cartográficas. Um dos recursos mais interessantes dos SIGs além da montagem do banco de dados em si é a possibilidade de interação do mesmo e o uso da ferramenta de consulta de atributos, a qual nos permite realizar a análise espacial relacionando-a com os atributos

anexados ao banco de dados. Os SIGs utilizados foram ArqGis, TerraView e SPRING. O Google Earth também foi utilizado como uma ferramenta de amparo.

Os processos de formação de SIGs orientados aos levantamentos de fontes históricas e conversão das linguagens, podem servir às mais diversas formas de análises em arqueologia histórica. A observação das espécies de flora pode ser um deles, esse procedimento pode servir de base para estudos de botânica aplicada ao cotidiano da charqueada, o comportamento geomorfológico pode servir para análise de escolhas e ou predileções por determinadas áreas na implantação das estruturas físicas da indústria do charque, as recorrências de cultura material, somadas aos SIGs possibilitam análises dos produtos que poderiam ser exportados e ou importados, enfim, as leituras que esse tipo de ferramenta podem oferecer a arqueologia histórica são os mais diversos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

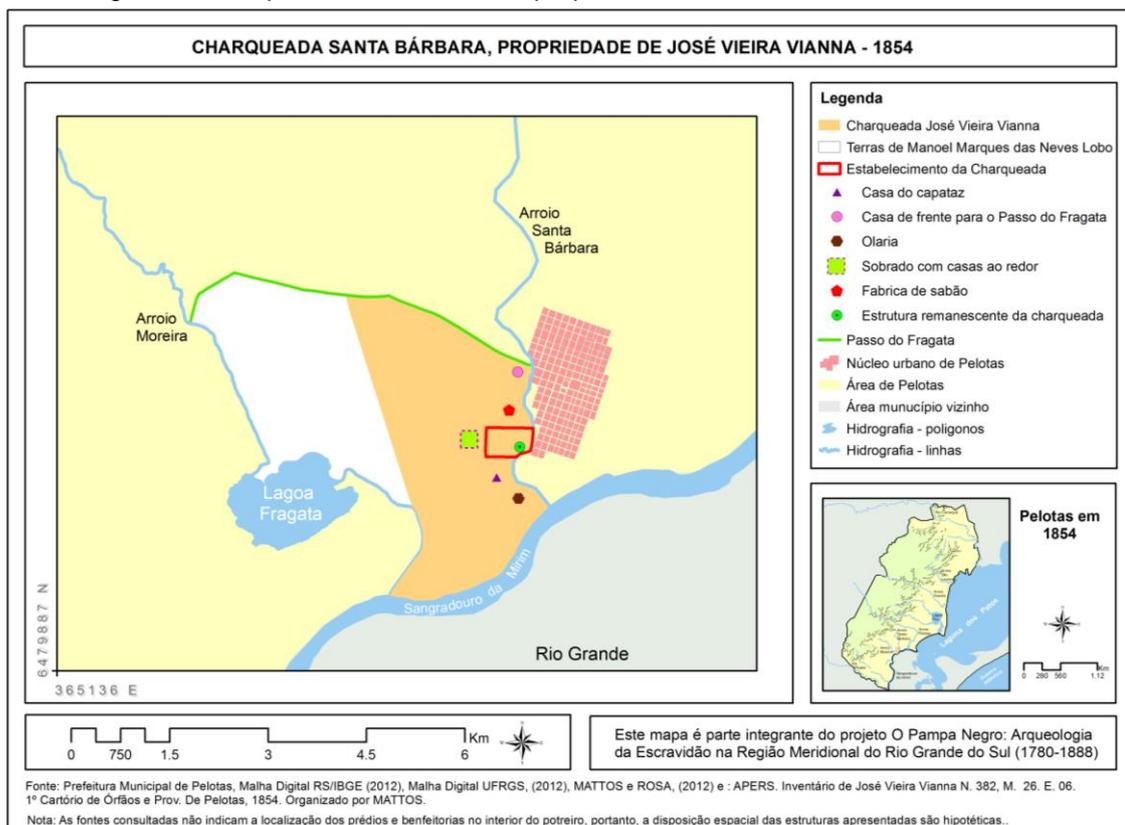
Foram mapeadas áreas de amostragem de potencial arqueológico ao longo do núcleo charqueador. Levantamos charqueadas que contemporaneamente ainda dispõem de estruturas da indústria saladeiril, o processo ainda contou com a localização da dispersão de comunidades remanescentes quilombolas, ressaltando que as mesmas já contam com certificação da Fundação Palmares.

Foi observada a dinâmica histórica do desenrolar do município frente a uma série de processos, sendo esses, políticos (emancipação de regiões), sociais e econômicos que influenciaram diretamente na espacialidade e morfológica da cidade. Também contemplamos a área de planície e serra/encosta nas quais se caracteriza a morfologia do que hoje entendemos como Pelotas.

No caso da Charqueada Santa Bárbara que estamos escavando, georreferenciamos as quadrículas escavadas e transferimos essa informação para o SIG, alimentado-o também com os dados da topografia, do caderno de campo e dos dados sistematizados pela equipe da conservação e restauro que estão fazendo a gestão da cultura material, constituindo diversos planos de informação. Esse procedimento é resultante da coleta das informações supracitadas, possibilitando uma visualização dos aspectos referenciais do campo.

Observamos a seguir a concepção de um mapa temático que relaciona os espaços da produção charqueadora no período de 1854, especificamente da Charqueada de Manuel Viana, às margens do antigo leito do canal Santa Bárbara. Para tanto, observaram-se fontes historiográficas (inventários post-mortem, antiga planta urbana da cidade/período referente), sensoriamento remoto, coleta de dados em campo com ferramenta de GPS e observação do espaço no presente; concebendo a partir das mesmas uma visualização de como se apresentam estruturas de potencial arqueológico daquele espaço. Assim o processamento/conversão de informações históricas em SIGs nos mostra seu potencial enquanto ferramenta aplicada a arqueologia, funcionando o mesmo em certa medida como um direcionador para entender a dinâmica espacial das estruturas, para que se pense de que maneira o arqueólogo pode intervir fisicamente (escavação), naquele espaço. Foram confeccionados mais de 20 mapas, dentre os quais o apresentado a seguir, que exemplifica umas das formas de resultado desse trabalho.

Figura 1. Charqueada Santa Bárbara propriedade José Viera Viana – 1854



4 CONCLUSÃO

Nesse ano dedicado ao trabalho consideramos terem ocorrido grandes avanços em relação à temática estudada e ao abastecimento de dados em SIG, mas temos consciência que há muito ainda a ser feito.

Podemos constatar que essa ferramenta se mostrou excelente no auxílio da arqueologia da escravidão, no trabalho de orientação em campo e também no preenchimento de certas lacunas, quando a cultura material é escassa ou de difícil acesso. Auxiliando no entendimento e reconhecimento do modo de vida dos escravos, investigação que por muito tempo foi negada nos diferentes ramos da ciência que abordam tal questão.

5 REFERÊNCIAS

FERREIRA, Lúcio M. O Pampa Negro: Arqueologia da Escravidão na Região Meridional do Rio Grande do Sul (1780-1888). In: **projeto de pesquisa**. UFPEL, 2009.

LAMINA. **Reserva técnica**.

MATTOS, G. P. e PETERS, E. T. Uso de Sistema Informações Geográficas no estudo da arqueologia da escravidão – o estudo de caso da charqueada Santa Bárbara, Pelotas (RS). In: **ANAIS DO 20º CIC/UFPEL**. Pelotas, 2011. Disponível em: < http://www.ufpel.edu.br/cic/2011/anais/pdf/CH/CH_01561.pdf>. Acessado em 18/07/2012, às 19h30m.